



INFORMATIVO

O TUIUTI



*ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DA ACADEMIA DE
HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS)
- ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA -
E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS)*

470 anos do 2º Governo Geral do Brasil com Duarte da costa - 460 anos do Armistício de Iperoígue - 400 anos do início da penetração de Bento Parente, Pedro Teixeira e Luis Aranha pelo rio Amazonas e fundação dos fortes de Desterro e Gurupá - 380 anos da criação do Conselho Ultramarino em Portugal - 320 anos do Tratado de Methuen - 270 anos do início da construção do Forte Jesus Maria José de Rio Pardo - 260 anos da elevação do Brasil a Vice-Reino - 220 anos do nascimento de Luiz Alves de Lima e Silva - 200 anos das vitórias nas guerras de independência (BA, MA, PI, PA e Cisplatina) - 180 anos do início das operações de Caxias contra a Revolução Farroupilha - 170 anos do rompimento das relações diplomáticas com a Inglaterra em função da Questão Christie - 120 anos da ocupação do Acre pelo Brasil - 100 anos da Revolução de 1923 no RS - 80 anos da criação da FEB - 50 anos do Acordo de Itaipu com o Paraguai

ANO 2023

Março

Nº 424

A CRIAÇÃO DA SECÇÃO DE INSTRUÇÃO ESPECIAL (SIEsp) NA AMAN

Gen Ex Roberto Jughurta Câmara Senna

"Audaces Fortuna Juvat"

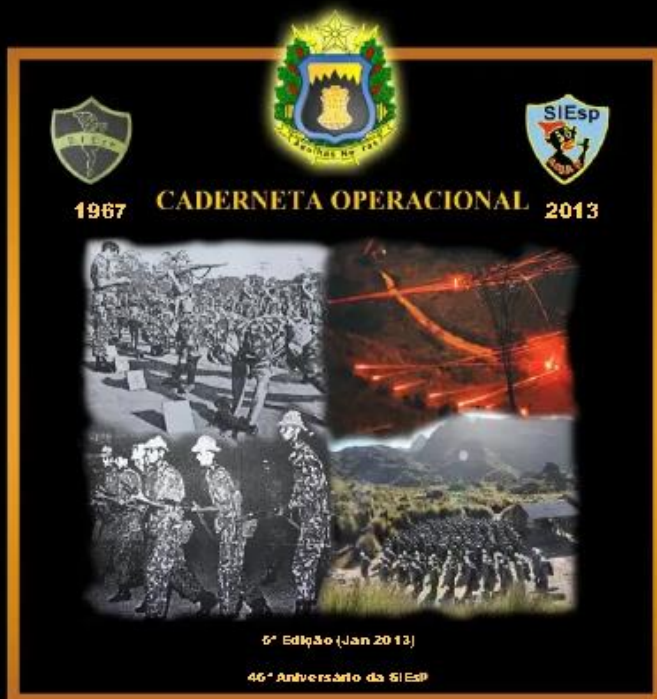
Era o ano de 1967, período mais intenso da Guerra do Vietnã, em que as forças de guerrilha vietnamitas estavam levando vantagem sobre o Exército mais potente do mundo.

No Brasil, vivíamos um período em que atuavam grupos de guerrilhas que buscavam organizar no país um forte foco, que evoluísse gradualmente para a luta armada, com a conseqüente tomada do poder, à semelhança de Cuba, da China e de outros países comunistas.

No Exército vivia-se uma dicotomia entre uma doutrina baseada na Segunda Guerra Mundial, com o conseqüente preparo da Força Terrestre voltado para um conflito convencional e, na prática, seu emprego real era predominantemente em ações de GLO (na época denominada Defesa Interna).

Os cadetes eram preparados na AMAN para uma guerra convencional, porém estavam sendo empregados, quando formados, em operações reais de contraguerrilha. Desse paradoxo entre o preparo e o emprego real da tropa surgiu, na AMAN, o sentimento de que algo deveria ser mudado

**MINISTÉRIO DA DEFESA
EXÉRCITO BRASILEIRO
DECEX - DFA - DESMII - AMAN - CC
SECÇÃO DE INSTRUÇÃO ESPECIAL**



na instrução do cadete. Surgiu daí a ideia de formar um núcleo de oficiais "Comandos" em condições de organizar o Departamento de Instrução Especial (DIEsp) e serem os seus instrutores pioneiros.

Ao final do Curso de Comandos na Brigada Paraquedista, regressamos à AMAN e iniciamos os trabalhos. Algumas semanas depois foi designado o TC Jofre, professor da AMAN e paraquedista, para ser o Instrutor-Chefe pioneiro e que havia aceito o desafio de organizar o DIEsp. Nos disponibilizaram, para instalar o Departamento, duas salas na área das garagens do Curso Básico.

A missão que nos foi dada foi muito sintética, ou seja: "vocês têm que modernizar a instrução da AMAN" com a finalidade de preparar tenentes para a guerra do futuro, a guerra "não convencional". Para isso, nos deram "carta branca" para fazermos o que fosse necessário para que, já no segundo

semestre de 67, fossem realizados os primeiros estágios para os cadetes do quarto ano.

Foi um árduo trabalho inicial, em que planejamos os primeiros estágios, reconhecemos e selecionamos os diversos locais dos exercícios, montamos a AIEsp (a área de treinamento básico), o Campo Escola de Montanhismo nas Agulhas Negras, etc.

Recebemos a orientação do TC Jofre, Instrutor Chefe pioneiro, para sermos "diferentes" dos demais instrutores da AMAN. Deveríamos usar uniformes e equipamentos diferentes e, ainda me lembro, a seguinte orientação que nos foi passada: "Quando um instrutor do DIESP entrar no Conjunto Principal deve despertar a atenção de todos. Os cadetes têm que espontaneamente parar para ver e admirar esses instrutores".

Realmente um exagero, mas aos poucos isso realmente foi acontecendo. Éramos uma equipe de "Comandos" levando novas táticas de guerra e processos de instrução revolucionários e muito mais rigorosos.

Vencemos muitos paradigmas, passamos a usar pela primeira vez o uniforme camuflado, o brevê de Comandos no ombro, boina preta, pistola, faca e equipamento de montanha. Algumas vezes

entrávamos no Conjunto Principal de mochila e fuzil, aliás sem muita razão, a não ser, para sermos diferentes. Acho que isso deu certo pois éramos quase que "endeusados" pelos cadetes.

Fora dos estágios, os tratávamos sem nenhuma arrogância ou superioridade e, até hoje, eles lembram com grande satisfação suas passagens pela SIEsp. Interessante é que hoje, vários deles foram os generais do Alto Comando do Exército, do Superior Tribunal Militar e Ministros do Governo Federal.

No segundo semestre, demos início ao primeiro estágio de Fuga e Evasão com o quarto ano dos Cursos de Infantaria e Cavalaria (turma de 1967). Eles foram os cadetes pioneiros da SIEsp. A reação dos cadetes foi a melhor possível. Nas pesquisas que realizamos, mais de 90% deles elogiavam a maneira como o estágio foi conduzido e comentavam que esse era realmente o tipo de instrução moderna e desafiadora, que os preparava para as operações reais nas quais estariam envolvidos nos próximos anos.

Nesse ano de 1967, realizamos estágios de Fuga e Evasão e de Contra guerrilha para o 4º ano, estágios de Patrulha para o 3º ano e de Montanhismo para o 2º ano. Nós, instrutores pioneiros da SIEsp, tivemos um encargo extra muito desgastante. Tivemos que reconhecer todos as trilhas dos exercícios de patrulha, de fuga e evasão, e de montanhismo. A principal área de instrução era o Pico das Agulhas Negras com 2.800 metros de altura e temperatura abaixo de zero no inverno. O ar era rarefeito e nos cansávamos muito mais. Um desses reconhecimentos foi muito marcante.

Eu e o Cap Siqueira saímos de Mauá e fizemos a escalada do Pico das Agulhas Negras, por uma rota ainda desconhecida, procurando um itinerário para um estágio de fuga e evasão. Tudo era muito arriscado naquela época. Saímos cedo, nós dois, sem carta, sem guia de montanha, sem comunicações e sem apoio médico ou resgate. Escalamos sem saber se conseguiríamos vencer todos os obstáculos e, por sorte, sem acidente, conseguimos chegar ao Abrigo Rebouças. Foi realmente uma imprudência, mas essa era a maneira que tínhamos que agir para conseguirmos montar os estágios. Ou se fazia assim ou não cumpríamos a missão.

Nós, instrutores, acompanhávamos as patrulhas de estagiários nos exercícios, sofrendo com eles as mesmas dificuldades. Lembro-me de uma vez que, próximo ao pico das Agulhas Negras, a temperatura estava menos 5 graus. Eu estava acompanhando uma patrulha num estágio de montanha e paramos para passar a noite ao relento. Entrei no "saco de dormir" e quando acordei por volta da 5 da manhã o plástico estava com placas de gelo, ou seja, dormi por umas 6 horas em um casulo de gelo e o detalhe é que estava tão cansado que não senti frio. Fui aquecido pela própria respiração no interior do abrigo.

Não posso deixar de mencionar a importante participação do Cel Pqdt Jofre, Instrutor-Chefe pioneiro, já falecido, mas que deixou a sua inesquecível marca nessa fase de implantação da SIEsp. Foi antes de tudo um grande líder que tivemos, e um grande exemplo para toda a AMAN.

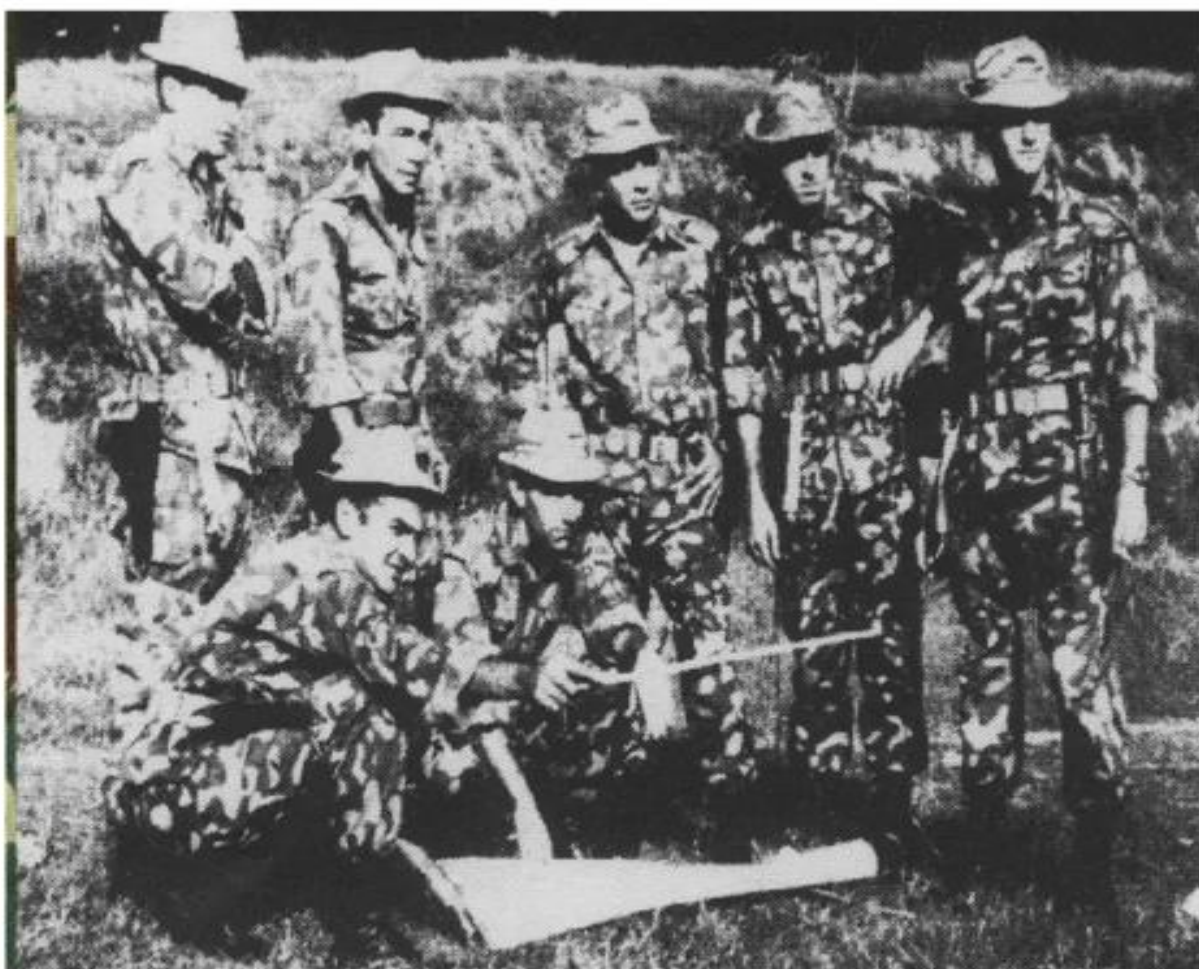
Ainda no ano de 1967, realizamos na AMAN um novo Curso de Comandos, com a finalidade de formar uma nova equipe de instrutores da SIEsp. Esse curso foi considerado também como um curso oficial da Brigada Paraquedista. Os instrutores éramos nós, da SIEsp, reforçados, em alguns

estágios, por instrutores Comandos e Forças Especiais da Brigada Paraquedista. Os dois últimos estágios desse curso foram realizados no Centro de Instrução de Guerra na Selva, em Manaus.

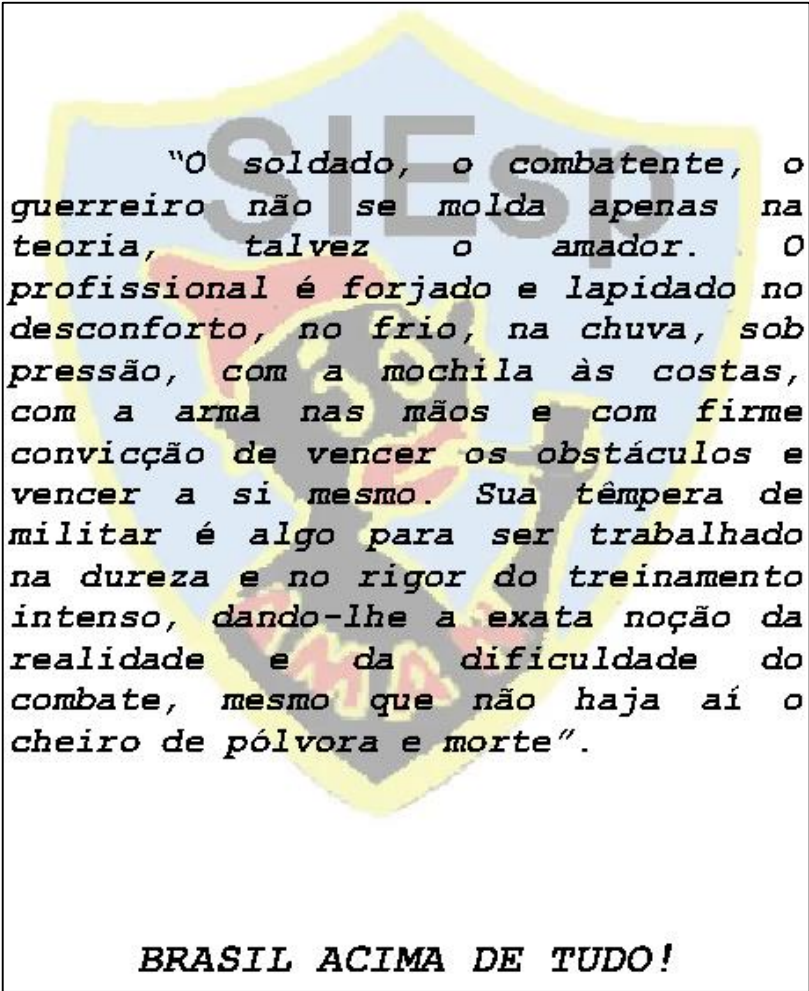
No estágio de Fuga e Evasão os alunos tiveram que progredir, em sobrevivência na selva amazônica, por aproximadamente 20 km até serem resgatados. Nós, instrutores da SIEsp, acompanhamos esse deslocamento. Alguns instrutores e alunos pegaram uma doença da selva denominada Leishmaniose, mas foram tratados com uma medicação nova e foram todos curados.

No ano seguinte esses novos Comandos já foram empregados como reforço aos instrutores da SIEsp.

OS PIONEIROS



1967 – Teo Cel JOFFRE, Cap SIQUEIRA, Cap NOGUEIRA, Teo WALTEMBERG, Teo CÂMARA SENNA, Sgl EVARISTO e Sgl MARTON.



"O soldado, o combatente, o guerreiro não se molda apenas na teoria, talvez o amador. O profissional é forjado e lapidado no desconforto, no frio, na chuva, sob pressão, com a mochila às costas, com a arma nas mãos e com firme convicção de vencer os obstáculos e vencer a si mesmo. Sua têmpera de militar é algo para ser trabalhado na dureza e no rigor do treinamento intenso, dando-lhe a exata noção da realidade e da dificuldade do combate, mesmo que não haja aí o cheiro de pólvora e morte".

BRASIL ACIMA DE TUDO!

Em 1968, assumiu a Chefia da SIEsp o Cap Siqueira (depois Cmt da Brigada Paraquedista) prosseguindo o trabalho iniciado pelo TC Jofre. Em 1969 eu era o único remanescente da equipe de "instrutores pioneiros" na SIEsp. O Instrutor Chefe nesse ano foi o TC Wilber, que havia sido formado Comandos no Curso realizado em 1967. A SIEsp, desde a sua criação, passou por momentos difíceis, talvez por ter rompido paradigmas, incomodado em algumas situações os demais Cursos da AMAN e causado melindres em alguns instrutores mais tradicionais, pela enorme aceitação que teve por parte dos cadetes.

Em alguns momentos, por não ser bem compreendida, a SIEsp foi até

ameaçada de ser fechada. Conseguimos vencer, com muita tenacidade e diplomacia, todos os obstáculos e, pouco a pouco, os demais cursos passaram a incorporar ensinamentos dessa instrução especial. Os currículos da AMAN foram modernizados e os novos Aspirante se apresentavam na tropa com melhor preparo, e uma mentalidade moderna e mais "guerreira".

Muito me orgulho dos anos vividos na AMAN (de 1966 a 1969). Colaboramos significativamente para o aprimoramento da operacionalidade do Exército. O esforço não foi em vão. Guardo excelentes lembranças de todos aqueles que trabalharam comigo naquela empreitada pioneira e dos cadetes das turmas de 67, 68, 69 e 70, que compreenderam a necessidade daquele tipo de instrução e que depois passaram a ser os novos instrutores da SIEsp, instrutores dos outros Centros de Instrução e das nossas Escolas de Formação e Aperfeiçoamento, difundindo os ensinamentos recebidos no pioneiro "DIEsp".

"Falando-se de Instrução Militar, a SIEsp foi a coisa mais importante que aconteceu no EB depois da 2ª Guerra Mundial" (palavras do Gen Pqdt Siqueira).

"A lealdade como crença. A disciplina como valor. A coragem como hábito. A missão como destino".

Comando de Operações Especiais (C Op Esp EB)

1. HISTÓRICO DA SIEsp

12 Ago 66 - BI 155 - AMAN - Nomeação da comissão especial de estudos que iniciou a estruturação do DIEsp.

1967 - Início das atividades escolares, quando foram ministradas instruções de Patrulha, Guerra Revolucionária, Guerra na Selva e Fuga e Evasão.

08 Dez 69 - Portaria Nr 54 Res - EME - oficializou, em caráter definitivo, a criação da Seção de Instrução Especial.

2000 - Foram nomeados pela 1ª vez monitores - sargentos especializados na SIEsp/AMAN.

2007 - Por ocasião do Jubileu de 40 anos da SIEsp/AMAN, a SIEsp/EsSA, criada em 2005, inicia as suas atividades, ministrando os primeiros estágios de instrução especial.

2. DESCRIÇÃO DO DISTINTIVO DA SIEsp

a. Escudo triangular metálico com friso dourado em campo azul, representando a nobreza da missão escolar de formar guerreiros para a defesa da pátria.

b. Figura lendária do SÁCI nas cores preta e vermelha, simbolizando o estagiário camuflado que, a exemplo do personagem da lenda, desenvolve suas atividades diuturnamente pelas matas, campos e florestas, com a característica de surgir e desaparecer de surpresa, inquietando, armando ciladas nos caminbos e levando o medo e a destruição ao inimigo.

c. Sigla da AMAN com as 04 (quatro) letras com frisos dourados, simbolizando a nobreza do sacrifício e o grau de exigência a ser enfrentado pelo cadete nos 4 (quatro) estágios clássicos da seção.

d. Sigla formada com as iniciais das palavras "Seção" e "Instrução", definido, respectivamente, o grau hierárquico e a missão ligada a atividade fim da instituição; abreviatura da palavra "Especial" que define a peculiaridade da instrução necessária ao cumprimento das missões especiais.

3. A MISSÃO DA SIEsp

Planejar, organizar, montar, aplicar e avaliar os cadetes em estágios de instrução especial, que envolvam atividades como:

- Montanhismo Militar;
- Vida na Selva e Técnicas Especiais;
- Patrulhas de Longo Alcance com Características Especiais;
- Operações contra Forças Irregulares; e outras atividades que possam contribuir

na preparação do futuro oficial, levando-o a enfrentar condições de extrema dificuldade e ponderável pressão psicológica, quando se busca ao máximo imitação do combate em ritmo de operações continuadas.

Em adendo, contribuição do Cel Inf EM Veterano Vitor Hugo Loureiro Ludwig em relação à criação da SIEsp:

A origem de tudo foi a criação da Operação Manda Brasa no Curso de Infantaria em 1966. Seu efeito sobre os cadetes de infantaria e, em consequência, o reflexo nos demais cursos, foi o fator determinante para a criação pelo Comando da AMAN de um grupo de estudos para propor modificações no ensino profissional. O grupo era formado pelo então Tenente-Coronel Rubem Ludwig (Instrutor-Chefe do Curso de Infantaria), Major Freitas Almeida (Instrutor-Chefe do

tanto espanhola como francesa, é uma das teses que explicaria o fato dos bascos preservarem a cultura religiosa, a identidade, a etnia e o idioma, entre outras características culturais.

Os bascos atravessaram os séculos resistindo ou convivendo com os católicos, cuja religião foi por eles assimilada, mas também com a dinastia dos Habsburgos, a dos Bourbons e, já no século XX, com a república.

Ao final da I Guerra Mundial as tendências separatistas de algumas regiões espanholas agitaram o país. Uma delas era a das Províncias Bascas. Eram os chamados autonomistas que buscavam, não a independência, ainda, mas a autonomia.



Em 17 de agosto de 1930 os autonomistas, aliados aos republicanos, celebraram o Pacto de San Sebastián (cidade basca) por meio do qual, estando reunidas diversas correntes políticas, ficou decidido eliminar a monarquia na Espanha. Nesta oportunidade, afloraram as fortes correntes de esquerda e de direita.

Estabelecido um Comitê Revolucionário este, sediado em Madri, decidiu forçar o rei Afonso XIII ao exílio na França e assumiu o governo espanhol. De imediato, este governo teve que administrar as duas correntes. Quanto aos autonomistas bascos, estes cobravam do governo o cumprimento do estabelecido em San Sebastián.

Em 1931, foi promulgada uma nova Constituição que garantiu a tão sonhada autonomia, inclusive à região basca. Mas a polaridade político-ideológica levou a Espanha à Guerra Civil (1936/39), que começou com um golpe de estado que afastou o governo republicano. Defrontaram-se, a partir daí, forças nacionalistas (de direita) e forças republicanas (de esquerda). O Partido Nacionalista Basco (PNV) mobilizou tropas e se alinhou com os republicanos, mas havia divisões. Os bascos de Álava e de Navarra se aliaram aos nacionalistas.

Vitorioso, o General nacionalista (direita) Francisco Paulino Franco Bahamonde assumiu o poder e governou ditatorialmente até 1975. Os bascos perderam muito com a Guerra Civil Espanhola. No contexto, vale destacar o cruel bombardeio da pequena cidade de Guernica em 26 de abril de 1937, por aviões alemães da Legião Condor. Este ataque foi coordenado pelo ás da aviação nazista Wolfram von Richthofen e teve o apoio da aviação italiana, a Aviazione Legendaria. A repercussão internacional foi enorme. Morreram centenas de vítimas inocentes. O pintor espanhol Pablo Ruiz Picasso imortalizou essa tragédia na obra "Guernica" (abaixo).



No período ditatorial, o idioma e, de maneira geral, a cultura basca, foram proibidas. As organizações políticas e outras instituições não-políticas foram abolidas. Muitas pessoas de origem basca foram mortas, torturadas e presas. Grande número de bascos tiveram um exílio forçado dirigindo-se, principalmente, para a França e para a América Latina.

Durante o governo Franco, em 1962 e 1966, eclodiram várias greves no país basco. A principal reivindicação era o cumprimento radical da promessa de autonomia.

O sentimento nacionalista basco acabou por fazer surgir, em 1959, o movimento Euskadi Ta Askatasuna (ETA) – claramente antifranquista, que assumiu, alguns anos depois, um extremismo independentista radical e agressivo que se transformou em guerrilha urbana separatista.

Os pioneiros foram jovens estudantes que tiveram forte inspiração da Guerra da Argélia e da Revolução Cubana, decepcionados com a tênue oposição do PNV contra o regime franquista, e baseados em um posicionamento marxista-leninista que reivindicava a total independência do País Basco.

Já em 1973, o ETA assassinou em um atentado a bomba o substituto eventual de Franco, Almirante Luiz Carrero Blanco. Isto gerou prisões e processos judiciais. Dois anos depois, a execução de guerrilheiros bascos por uma corte marcial causou fortes protestos internacionais em face dos processos terem sido sumários. Ou seja, a causa basca, mesmo tendo se tornado terrorista, já havia adquirido simpatias internacionais (BARSA, 1977, vol. 5, p. 429/434-B).

Conforme o blog do ENEM, a situação do país basco pode ser sintetizada neste resumo:

O território basco pertence à Espanha. De acordo com a Constituição Espanhola de 1978, o País Basco é uma região reconhecida como uma Comunidade Autônoma. Isso implica dizer que a região basca não é independente, ou seja, possui certa autonomia reconhecida, mas não é soberana. A autonomia reconhecida pela Espanha passa por impor determinadas regras de organização política de governança. Algumas dessas regras estabelecem a autonomia basca em organizar suas próprias instituições de autogoverno. O País Basco possui autonomia em relação ao poder Executivo e Legislativo, tendo seu próprio parlamento e administração. Desse modo, as Comunidades Autônomas possuem autonomia política e financeira.

[\(https://blogdoenem.com.br/conflictos-do-pais-basco/\)](https://blogdoenem.com.br/conflictos-do-pais-basco/)



Bandeira do país Basco. Fonte: Reuters/Vincent West



Membros do ETA reunidos. Fonte: bbc.com

Conforme levantamento realizado pelo jornal El País somente 28% dos bascos são partidários da independência. Talvez seja esta realidade que tenha levado os dirigentes do ETA a suprimir as atividades terroristas.

Referências:

ARAMBURU, Fernando. Pátria. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2019.

BARSA. Enciclopédia. São Paulo: Encyclopædia Britannica Editores Ltda., 1977, 14 vol.

<https://blogdoenem.com.br/conflitos-do-pais-basco/>

* Coronel de Infantaria e Estado-Maior Veterano do Exército Brasileiro. Presidente da Academia de História Militar Terrestre do Brasil/RS (lecaminha@gmail.com).

A Tomada de LA SERRA e o Herói Esquecido

Sérgio Pinto Monteiro*

Há setenta e cinco anos um pelotão do Regimento Sampaio escreveu, nos campos de batalha da Itália, páginas gloriosas da história da Força Expedicionária Brasileira. Seu comandante era o primeiro-tenente da reserva convocado Apollo Miguel Rezk.



Apollo nasceu no Rio de Janeiro em 09 de fevereiro de 1918. Era filho de imigrantes: pai libanês e mãe síria. Fez seus estudos no Colégio Pedro II. Em 1935 tentou, sem êxito, entrar para a Escola Militar do Realengo. Seus pés planos e uma reprovação em Física impediram a realização do sonho de ingressar na carreira militar.

A idade de prestação do serviço militar obrigatório conduziu o jovem Apollo ao CPOR do Rio de Janeiro. Aprovado nos exames médico, físico e intelectual, após os três anos do curso do CPOR foi declarado Aspirante a Oficial da Reserva e classificado em 10º lugar entre os setenta concludentes da Arma de Infantaria, turma de 1939.

Em 1940 formou-se Perito-Contador na Escola Superior de Comércio do Rio de Janeiro. No ano seguinte foi convocado para realizar o Estágio de Instrução no Regimento Sampaio, promovido a segundo-tenente e desligado do serviço ativo do Exército.

Em 1942 foi convocado para o Estágio de Serviço, novamente no Regimento Sampaio. Estudioso, concluiu em 1943 o bacharelado em Ciências Econômicas na Faculdade de Administração e Finanças da Escola de Comércio do Rio de Janeiro. Ainda nesse ano foi promovido a primeiro-tenente e convocado para a Força Expedicionária Brasileira, já em fase de formação e adestramento.

O tenente Apollo embarcou para a Itália como oficial subalterno, comandante de pelotão da 6ª Companhia do II Batalhão do Regimento Sampaio. O 2º escalão da FEB seguiu para o Teatro de Operações no navio transporte de tropas americano "U.S. General W. A. Mann", que partiu do armazém nº 11 do porto do Rio de Janeiro em 22 de setembro de 1944, ancorando em Nápoles no dia 06 de outubro.

Na noite de 23 e madrugada de 24 de fevereiro de 1945, atuando em apoio à 10ª Divisão de Montanha americana no ataque a La Serra, o pelotão comandado pelo tenente Apollo, após ultrapassar um extenso campo minado, atacou as posições fortificadas alemãs. Apesar do intenso fogo inimigo, o pelotão Apollo cercou o objetivo, investiu contra a posição e pôs em fuga os alemães, fazendo inicialmente cinco prisioneiros.

Ferido em combate por volta das 23 horas, o tenente Apollo, cercado e contra-atacado, manteve a posição durante toda a madrugada e manhã do dia 24. Por esta missão foi condecorado pelo governo americano, em 19 de maio de 1945, com a "Distinguished-Service Cross", único brasileiro agraciado com essa medalha de bravura, a segunda mais importante dos Estados Unidos.

"... por heroísmo extraordinário...a despeito de campos de minas desconhecidos, terreno excessivamente difícil e forte oposição, o primeiro-tenente Rezk conduziu galhardamente os seus homens através de uma cortina de fogo de metralhadoras, morteiros e artilharia, para assaltar e arrebatar o objetivo do inimigo. Embora gravemente ferido quando dirigia o ataque, o primeiro-tenente Rezk nunca hesitou: pelo contrário, continuou firmemente o avanço...repeliu três fortes contra-ataques, infligindo pesadas perdas aos alemães pela sua habilidade na condução do tiro. Depois, embora em posição vulnerável ao fogo das casamatas do inimigo circundantes e a despeito das bombas que caíam e da gravidade dos seus ferimentos, o primeiro-tenente Rezk defendeu resolutamente La Serra contra todas as tentativas fanáticas dos alemães para retomar a posição. Pelo seu heroísmo, comando inspirado e persistente coragem, o primeiro-tenente Rezk praticou feitos que refletem as mais altas tradições do serviço militar" (tradução de trechos do documento original em inglês feita pela Seção Especial do Comando da FEB).

O comandante da FEB, General João Baptista Mascarenhas de Moraes, em Citação de Combate de 09 de abril de 1945, assim se manifestou quanto às ações do tenente Apollo na conquista de La Serra:

“... a personalidade forte, o espírito de sacrifício, a combatividade, a tenacidade, o destemor do tenente Apollo constituem belos exemplos, dignos da tropa brasileira”.

Anteriormente, graças ao seu desempenho no ataque a Monte Castelo em 12 de dezembro de 1944, o tenente Apollo já havia sido agraciado pelos Estados Unidos com a medalha “Silver Star”. Terminada a Campanha da Itália, o tenente Apollo recebeu quatro condecorações brasileiras: Cruz de Combate de 1ª Classe, Medalha de Sangue, Medalha de Campanha e Medalha de Guerra.

Quando da promoção do tenente Apollo ao posto de capitão, em 03 de setembro de 1951 (retroativa a 1947), assim se expressou o Ministro da Guerra no despacho em que deferiu a proposta:

“Deferido. A promoção se justifica, sobretudo, em virtude da conduta excepcional desse Oficial no Teatro de Operações da Itália, onde, entre diversas condecorações recebidas por bravura, lhe foi conferida a medalha “Distinguished-Service Cross” do Exército Americano, por heroísmo extraordinário em ação, distinção máxima somente concedida a este combatente brasileiro...”.

O destino, que no passado não permitira ao jovem Apollo a realização do sonho de ingressar na carreira militar através Escola do Realengo, ainda haveria de, novamente, pregar-lhe outra uma peça. A tão sonhada carreira, que finalmente lhe chegara, não pela via da Escola Militar mas através do CPOR e da própria guerra, como também, e principalmente, por sua bravura e eficácia no cumprimento do dever, seria interrompida precocemente. Seus pés planos não resistiram ao esforço do combate e ao congelamento nas trincheiras da Itália. O capitão Apollo, em 12 de dezembro de 1957, aos 39 anos, depois de vinte anos no exército, foi julgado inapto para o serviço ativo e reformado no posto de major.

Conheci o nosso herói já no ocaso da sua vida. Era um bravo. Foram muitos sábados e domingos de intermináveis conversas. Jamais o major Apollo admitiu o seu heroísmo. Pessoa simples, culta e educada era, sobretudo, um gentleman. Absorvi, voraz e intensamente, cada relato de suas ações na guerra. O exército era realmente a sua paixão. E a Pátria, o seu bem maior. Ficamos amigos, o que me enche de orgulho e gratidão.

A nação perdeu, em 21 de janeiro de 1999, um filho exemplar. E o exército viu partir um de seus grandes guerreiros. A filha Nádia comunicou-me o falecimento do pai pela manhã, bem cedo. Desloquei-me rapidamente para a sede do Conselho Nacional de Oficiais da Reserva, no quartel do CPOR/RJ, de onde fiz os contatos relativos ao passamento do major Apollo. Enviei um necrológio aos jornais, avisei ao CCOMSEx, aos comandantes do Regimento Sampaio e do Batalhão de Guardas - onde ele servira no após guerra - bem como à embaixada dos Estados Unidos, já que era ele detentor de duas condecorações americanas. Informei, também, à comunicação social da presidência da república e aos governos estadual e municipal do Rio de Janeiro.

O sepultamento foi no cemitério do Caju. Presentes, familiares, ex-combatentes da FEB e amigos do nosso herói, bem como quase uma centena de oficiais R/2 que formaram uma Guarda de Honra. Um pelotão do Regimento Sampaio executou as honras fúnebres. O governo americano enviou, de Brasília, um oficial superior, fardado, para representá-lo. Os governos federal, estadual e municipal não enviaram representantes, nem formularam condolências à família enlutada. Jamais esquecerei o constrangimento que senti ao ouvir o oficial americano dizer aos filhos do major Apollo:

“... Eu não entendo vocês brasileiros. Na minha terra, alguém com as importantes condecorações de guerra do major Apollo, teria recebido, ao longo de sua vida, as homenagens, o respeito e a gratidão do seu povo”.

Na tristeza daquele momento, assumi, intimamente, o compromisso - como missão - de divulgar a história do major Apollo. Nesses vinte e um anos desde o seu falecimento, tenho viajado pelo nosso país ministrando palestras - nos meios militar e civil - relatando os seus atos de bravura e heroísmo.

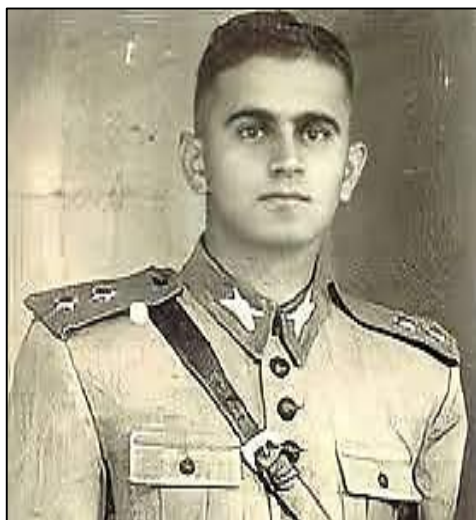
O meu livro "O Resgate do Tenente Apollo", escrito em parceria com o tenente R/2 Orlando Frizanco, está com 2ª edição em preparação. O Conselho Nacional de Oficiais da Reserva criou a Medalha Major Apollo Miguel Rezk, para homenagear personalidades que se destaquem no apoio às Associações de Oficiais da Reserva.

Um dos desejos não realizados do herói era ser promovido ao posto de tenente-coronel, a exemplo de alguns de seus companheiros que obtiveram a promoção por via judicial. Quem sabe o Exército Brasileiro, ou mesmo o Congresso Nacional, lhe concedam, ainda que tardiamente, essa honraria, como derradeira homenagem, já que em vida não logrou recebê-la sob a forma de promoção por bravura, o que teria sido, inquestionavelmente, um ato de inteira justiça.

Os feitos do tenente Apollo ultrapassaram os limites de sua existência física. Na verdade, já não mais lhe pertenciam quando, naquela madrugada de 21 de janeiro de 1999 foi vencido pelo inexorável. São episódios gloriosos da história militar de um país que teima em não cultivar seus heróis.

A Força Expedicionária Brasileira - e seus bravos - não pode ser esquecida. Ela simboliza a pujança e o valor de um povo. A nação lhes deve eterno respeito e imorredoura gratidão.

(*) o autor é historiador, oficial da reserva do Exército, membro da Academia de História Militar Terrestre do Brasil, da Academia Brasileira de Defesa e do Instituto Histórico de Petrópolis. É Patrono, fundador e ex-presidente do Conselho Nacional de Oficiais da Reserva. É o atual presidente do Conselho Deliberativo da Associação Nacional dos Veteranos da FEB.



Ten Apollo



1º Ten Apollo Miguel Rezk recebendo condecoração na 2ª Guerra Mundial.

“A Internet deu voz a uma legião de imbecis. Normalmente, eles eram imediatamente calados, mas agora eles têm o mesmo direito à palavra de um Prêmio Nobel...O drama da Internet é que ela promoveu o idiota da aldeia a portador da verdade” (Umberto Eco)

Atenção! A partir das 1700 h do dia 29 de março, 4ª feira próxima, teremos a primeira reunião mensal da AHIMTB/RS no Auditório do Museu Militar. Todos estão convidados: integrantes, amigos e correspondentes. Compareça.

Editor:

Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel Inf EM Veterano Presidente da AHIMTB/RS
lecaminha@gmail.com

Sites:

www.ahimtb.org.br

www.acadhistoria.com.br

Site do NEE/CMS: www.nee.cms.eb.mil.br

Site do Núcleo Militar de Gramado: www.nuclev.com